

# Henrique Monteiro



FOTO ARMANDA CLARO/MEDIA CAPITAL

## ANTES QUE ME ESQUEÇA



**TRAIDORES**  
Será mesmo boa ideia, depois de cada debate, colocar um determinado número de comentaristas a tentar

descodificar o que os líderes partidários se esforçaram por transmitir nos frente a frente? Pretende-se que jornalistas e comentaristas (alguns acumulam, como eu) troquem por múdos o que disseram os líderes políticos. Por vezes, há um segundo debate, que já nada tem a ver com o que foi dito, não só pelo fenómeno *lost in translation* (perdido na tradução), como pelo velho aforismo *traduttore traditore* (tradutor-traidor). Na verdade, bem podemos estar a cometer essa traição a alguns intervenientes. Pense-se nisto...



**MÉDIA**  
E enquanto se pensa, pode-se ler "A História dos Média na Europa" (Almedina). Com a palavra escrita assim, oriunda do latim (e não mídia, como dizem à inglesa). Um livro

de J.-M. Nobre-Correia acabado de lançar pelo jubilado professor de informação e comunicação da Universidade Livre de Bruxelas, onde foi presidente do respetivo departamento (colaborou anos com o Expresso). A sua consulta é simples — por períodos e por países — e o conteúdo bastante certo. Nobre Correia, a quem sempre desgostou o tamanho exagerado dos nossos telejornais (como a qualquer habitante de um país civilizado) e o provincialismo da nossa imprensa, dá-nos muitas pistas para percebermos o que se passa. E informações interessantes: sabiam que António de Sousa Macedo, um apaniguado do Conde de Castelo Melhor, terá sido o primeiro jornalista português, em 1663? Pois a profissão é antiga e evoluiu muito tecnicamente... já culturalmente a conversa é outra.



**REALISMO**  
Mesmo com a omissão da política internacional nos debates, António Rebelo de Sousa (irmão do nosso Presidente) lançou, por ocasião da sua

jubilado como professor catedrático, um livro também interessante: "Do Liberalismo ao Neo-Realismo de Uma Nova Teoria Política Internacional" (Diário de Bordo). A expressão "neo-realismo" não se refere à corrente artística, mas à nova realidade. Por um lado, tem 14 prefácios, o que será recorde mundial (António Costa e Silva, António Mendonça, Eanes, Guilherme d'Oliveira Martins, João Bilhim, Luís Braga da Cruz e Marcelo são só alguns deles), por outro, faz-nos pensar sobre a nova governança mundial, a nova economia, a presença da China em África, a segurança mundial, os impactos do 'Brexit'. Sobre tudo, como escreve, mantendo os ideais de justiça social e de igualdade de oportunidades, dignidade humana e fraternidade.

## DEZ PONTOS SOBRE OS DEBATES (EXCLUINDO O DE RIO VS. COSTA)

Como perceberão, escrevi estas linhas antes do mais esperado dos frente a frente: o de ontem à noite, entre aqueles que mais possibilidade têm de vir a ser primeiro-ministro depois das eleições: Rui Rio e António Costa (não por esta ordem).

Faço-o em 10 pontos, para economizar espaço e organizar o que tenho a dizer:

1. Os debates têm vindo a tornar-se mais interessantes. Tal pode ficar a dever-se a uma questão de calendários ou ao facto de os dirigentes partidários terem entendido que o modo como os conduziram nos primeiros dias não interessava a ninguém;

2. O facto de o Chega ter tido menos intervenção, ao mesmo tempo que a sua mensagem ficou gasta (porque nada mais tinha a dizer salvo as declarações bombásticas do costume), terá contribuído para esse aumento de interesse. Isto não significa que o Chega não possa ter, apesar de tudo, um bom resultado. Há muita gente indignada com o que se passa, que se encanta com soluções simples, à esquerda e à direita;

3. Os dirigentes do Livre e do Iniciativa Liberal, sobretudo, têm contribuído para o aumento do nível e elevação do debate. Isto prova que ser de esquerda ou de direita pouco ou nada tem a ver com a forma (que a maioria discute), mas sim com o conteúdo;

4. Ainda assim, continuaram a discutir-se ideias impraticáveis (al-

gumas, felizmente, impraticáveis). A pena de morte, que jamais passaria no eleitorado e num Parlamento português, é o melhor exemplo. Porém, outros existem (Costa armado em La Pasionaria, a dizer que Ventura não passará, ou o líder do CDS a falar de liberdade em abstrato) que em nada contribuem para um debate sereno e produtivo, mas apenas para, com mais ou menos demagogia, apelar à emoção e a uma espécie de paixão clubística;

5. As frases sem nexo também entraram nos frente a frente. Ricardo Araújo Pereira apanha-as todas e não vale a pena fazer-lhe concorrência. Deixo apenas uma de Catarina Martins: "Conseguimos pôr uma nave em Marte, como é que não conseguimos acabar com o petróleo e as indústrias poluentes?" Pode responder-se que é da mesma forma que pusemos um homem na Lua e não conseguimos ressuscitar um morto, ou que transplantámos o coração de porco para um ser humano e não conseguimos acabar com a covid... Enfim;

6. Porém, no essencial, houve novos assuntos importantes, já há muito falados, que ganharam direito a ser debatidos. *A flat tax*, por exemplo, ou o mundo rural, a descentralização, a demografia e outros temas centrais da atualidade;

7. Apesar de tudo isto, há coisas que nunca se discutem verdadeiramente. Entre elas, a possibilidade de fazer um Orçamento com base zero, ou seja, não baseado nos OE anteriores, ou a política interna-



### Sempre que duas boas pessoas discutem acerca de princípios, as duas têm razão

Marie von Ebner-Eschenbach (1830-1916), austríaca, considerada uma das melhores escritoras de língua alemã, no livro de 1880 "Aforismos" ("Aphorismen")

cional, que anda completamente arredada, apesar das ameaças que rondam o Ocidente, a Europa e, claro, Portugal. Ou a mais desumana das nossas ações presentes: como receber os migrantes e refugiados;

8. As necessárias transformações na Segurança Social foram levemente abordadas, mas nunca se tornaram um tema. Nomeadamente a distribuição do pagamento da TSU entre trabalhadores e

empregadores ou mesmo entre as empresas de mão de obra intensiva e as que não têm quase empregados mas geram rendimentos elevados. São aspetos fundamentais já do presente e do futuro imediato para os quais há poucas respostas;

9. Já a introdução, embora tímida e num debate em que os dois participantes estavam de acordo, da ideia de rendimento básico incondicional, que se deve a Rui Tavares, no frente a frente com Inês Sousa Real, é importante. A ideia não é uma fantasia utópica de esquerda; pode ser um modo de tornar cada cidadão responsável por si próprio e não esperar que o Estado lhe resolva problemas (isto mesmo que outros subsídios se mantenham);

10. Naturalmente, manteve-se alguma demagogia, muitas mentiras e frases que nunca foram ditas. Mas isso é antigo. Lembra-se de Mário Soares dizer que ia meter "o socialismo na gaveta" quando fez um Governo com o CDS? Para quem se lembra, saiba que ele nunca disse essa frase, assim como Cavaco nunca disse "nunca me engano e raramente tenho dúvidas". Faz parte do pior da política, mas teremos de viver com isto se quisermos viver em democracia.

De qualquer modo, e ao contrário do que pareceram os primeiros dias, cada vez mais se afigura que têm valido a pena os debates, apesar de muito curtos e com intervenção exagerada de quase todos os moderadores.

hmonteiroexpresso@gmail.com

## OS DIAS QUE ME OCORREM

### DEBATE

Na noite de ontem, o debate esperado, em três televisões em simultâneo, para nenhuma se rir das outras. Não sei o que se passou, mas sei que tenha alguém sido genial ou desastroso, tenha alguém vencido por KO ou caído exangue no ringue, fosse o que fosse, é cedo para cantar vitória ou sentir-se derrotado. Em 15 dias, no ambiente em que vivemos, muitas coisas mudam.

### GUERRA

Na primeira reunião do Conselho NATO-Rússia, após dois anos sem se reunir, o secretário-geral da Aliança Atlântica avisa que existe um real perigo

de guerra com a colocação de uma centena de milhares de soldados russos na fronteira da Ucrânia. O impasse mantém-se, e ninguém sabe como acabará uma história em que os russos parecem não querer abdicar, sabendo que do outro lado, na NATO e nos EUA, não há vontade real de iniciar um conflito que ninguém sabe como terminaria.

### ROMAN

Entretanto, temos um compatriota (talvez nosso primo, como demonstrou Luís Aguiar-Conraria numa crónica deste jornal) que é braço-direito de Putin. O processo de naturalização de Roman Abramovich

(multimilionário, dono do Chelsea), demasiado rápido, já motivou um inquérito interno no Instituto dos Registos e do Notariado. A Comunidade Israelita do Porto (que facilitou o processo, pois o russo diz-se descendente de judeus portugueses) também deveria interrogar-se sobre a conveniência desta naturalização. Ao contrário do que acontece na Comunidade de Lisboa, no Porto parece ser muito fácil ser reconhecido como sefardita. Mas nunca esquecer que a última palavra é do Ministério da Justiça, que deu a Abramovich um passaporte dos mais cobiçados do mundo — o português.

### RADICAIS

Em França, e pela terceira vez em meses, o Governo anunciou a intenção de fechar uma mesquita, desta vez em Cannes. O motivo é sempre o mesmo: a radicalização dos seus membros. Em Cannes, o ódio antissemita foi a principal causa desta ameaça, que levou já à dissolução de duas organizações muçulmanas, no seguimento da decapitação de um professor, Samuel Paty, perto de Paris, por um jovem seguidor do Islão que o acusou de ter referido as caricaturas de Maomé nas suas aulas. Não são apenas os russos

que nos ameaçam (esses de frente); também temos em muitos países da Europa a "Quinta Coluna", os que nos querem destruir culturalmente e aqueles que, de forma tosca, defendem que tudo é islamofobia e pró-sionismo, sem sequer perceberem a ameaça de que eles próprios são alvo.

### SASSOLI

A morte do presidente do Parlamento Europeu, David Sassoli, foi um choque. Penso que os elogios que chegaram de todos os espectros políticos não foram uma mera formalidade. Ele era mesmo um homem aberto, tolerante e livre.